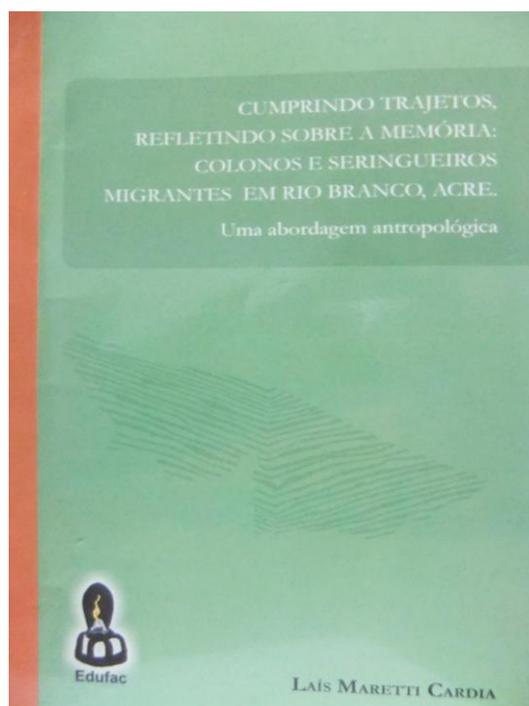


RESENHA

CARDIA, Laís Maretti. *Cumprindo trajetos, refletindo sobre a memória: colonos e seringueiros migrantes em Rio Branco, Acre* -Uma abordagem antropológica. Rio Branco: Edufac, 2010. 231p.



Janaína Mourão Freire

Graduada em Geografia pela Universidade de Brasília
Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás
Câmpus Samambaia (Câmpus II). Caixa Postal: 131. Goiânia, GO.
E-mail: janainamourao@gmail.com

Em sua obra a autora buscou compreender de que modo a migração é vivenciada por colonos e seringueiros no bairro Cidade Nova, próximo ao centro de Rio Branco, Acre. Para realização da pesquisa optou por não priorizar colonos ou seringueiros, dedicando-se igualmente ao entendimento de ambos.

O livro está organizado em duas grandes partes que procedem a uma introdução. A primeira parte foi dividida em três capítulos que possibilitam uma conceituação mais detalhada das categorias que serviram como base para as análises. Na segunda parte a autora discute os dados coletados com os habitantes do bairro Cidade Nova em 4 capítulos e traz suas conclusões nas considerações finais.

A introdução, como é possível ver abaixo, traz um breve panorama de quem são os colonos e seringueiros, o que a autora pretendeu pesquisar e a metodologia utilizada para alcançar os resultados.

Os seringueiros e colonos estudados vinham do PAD (Projeto de Assentamento Dirigido) Pedro Peixoto situado na BR 364 que liga Rio Branco e Porto Velho, porque o mesmo não possuía condições físicas para as famílias se estabelecerem.

Os colonos antes de chegarem ao PAD vinham da região sul do país e eram descendentes de italianos e alemães. Acostumados a trabalhar com lavouras, rumaram para o Acre com muita expectativa quanto ao novo modo de vida. No entanto, a falta de acesso à sementes e outros materiais não lhes permitiu permanecer por mais de um ano no PAD. Tempos depois de alguns seringueiros, seguiram à cidade em busca de novas oportunidades. Colonos e seringueiros, por mais distante que fosse sua terra natal, passaram a conviver.

Laís Maretti Cardia justifica a escolha de estudar a migração porque “é extremamente relevante, para a análise, o resgate da trajetória, da história e da memória dos migrantes. Um resgate que nos ajuda a compreender suas percepções, avaliações, opções, sentimentos e perspectivas de vida” (CARDIA, p.17). Utiliza autores como: Durham (1973), Martins (1997), Sayad(1998), Valcuende del Rio (1998) e Silva(1981).

Pode-se verificar na citação acima que a autora se propõe a trabalhar com a memória e isso fundamenta a sua escolha pelo “olhar antropológico”, pois, segundo ela, os estudos de migração, em sua maioria, não se preocupam com as experiências vividas pelo próprio migrante.

O bairro Cidade Nova esta localizado a três quilômetros do centro de Rio Branco. É uma periferia constituída muito perto das zonas desenvolvidas da cidade. O bairro é a primeira área de invasão da cidade e hoje abriga mais famílias do que as estabelecidas por volta da década de 70/80. Os colonos e seringueiros vivem na parte baixa da cidade, às margens do rio Acre, estão sujeitos a inundações e não possuem qualquer infraestrutura.

Para pesquisa foram levantados dados de 20 famílias e esta teve a duração de quatro meses, entre abril e julho de 2002. Foi realizada com homens e mulheres e algumas conversas com crianças também deram suporte para o trabalho. Seu Manoel, o morador mais antigo do bairro, foi um mediador no contato com as famílias, para que estas sentissem segurança em participar das entrevistas. Em geral, as entrevistas ocorreram nas casas e sempre após um contato prévio que possibilitava os moradores estarem mais confiantes quanto a presença da pesquisadora. Segundo a autora, as

técnicas qualitativas utilizadas foram: entrevistas, observação participante, diário de campo e histórias de vida.

A Parte 1 foi intitulada como: *Bases Teórico-conceituais; Migrações, Espaço, Território e Lugar, Memória e Identidade*. Esta inicia com um capítulo denominado: *Estudos sobre migração: Migração no estado do Acre*. As primeiras páginas podem ser consultadas por pessoas que se interessam em conhecer o histórico do estudo das migrações, visto que a autora traz um panorama bem claro de autores que vem trabalhando com essa temática. Ela aceita que a migração ocorre quando há uma movimentação espacial, ou seja, um deslocamento geográfico e esse deslocamento deve ser duradouro com uma mudança de lugares sociais.

Laís Maretti Cardia acredita que a migração exige do migrante a construção de uma nova vida pelas mudanças sociais e culturais na qual estão sujeitos. “Entendo que viver numa sociedade cujos valores e cultura são diferentes dos da sociedade de origem implica, principalmente, na recriação de expectativas e interesses por parte dos próprios migrantes” (CARDIA, p.41). Além disso, a adaptação pode ser complicada, inclusive, por atitudes racistas e/ou xenofóbicas por parte da sociedade de destino. No entanto, não se pode deixar de registrar que o movimento migratório também pode vir a ser um componente importante para intercâmbio cultural e troca de experiências.

As migrações para a Amazônia, em especial para a Amazônia ocidental, se intensificam em meados do século XIX sofrendo quedas e aumentos ligados, durante um longo tempo, a produção de látex. Muitos nordestinos se deslocaram para o Acre para atender a demanda internacional pela borracha brasileira. O Brasil era o maior exportador da matéria prima. Porém, para quebrar a hegemonia brasileira, a Inglaterra inicia a plantação de seringueira nas suas colônias asiáticas e a crise assola os brasileiros. O governo, com seu pouco apoio não consegue reverter a situação e por isso, muitos seringais foram abandonados. Muitos migrantes retornaram as suas casas.

Durante a Segunda Guerra Mundial países precisaram novamente da borracha brasileira e a Amazônia voltou a ser um polo receptor de migrantes. Os seringueiros se tornaram os Soldados da Borracha. Com o término da grande guerra a Ásia volta a dominar o mercado e mais uma vez o Brasil é açoitado com uma crise econômica que mesmo com diversas tentativas, não pôde ser remediada.

Nas décadas de 70/80 trabalhadores rurais migraram para os centros urbanos do Acre principalmente por causa da alta venda de seringais a especuladores do centro-sul brasileiro. Com isso houve a formação de algumas zonas periféricas de baixa renda, dentre elas o bairro Cidade Nova.

No segundo capítulo dessa primeira parte, a autora define três categorias: Espaço, Território e Lugar. Mais uma vez temos uma rica fonte bibliográfica para aqueles que estudam o tema. Autores como: Durkheim (2001), Mauss (1969), Halbwachs (1968), Levi-Strauss (1953), Machado (1996) e Valva (2001) foram consultados. Inicialmente, a autora deixa claro que para ela esses conceitos estão relacionados ao subjetivo e possuem uma dimensão cultural envolvida. A partir disso, desenvolve uma revisão bibliográfica de como a antropologia tem abordado esses termos.

No terceiro capítulo a autora se dedica a definição de identidade e memória sociais utilizando-se dentre outros, os seguintes autores: Cohen (1969), Leach (1993), Fearon (1997), Barth (1998), Maffesoli (1992) e Pollak (1992). Antes de falar efetivamente dessas duas categorias, ela sugere definir organização social visto que os colonos e seringueiros se reordenaram socialmente e isso alterou de alguma forma a sua identidade.

Em síntese, a identidade, que é algo mutável, está relacionada a memória e a forma como essa é construída. Para a autora a memória do passado é a expressão da identidade de colonos e seringueiros pois há um sentimento de pertencimento envolvido. No entanto, a memória também é dinâmica e mesmo transmitida de gerações em gerações, é um relato do presente sobre algo as vezes bem remoto e assim como os fatos passados influenciam o presente, o presente pode modificar ou até mesmo distorcer a forma como o passado é narrado.

A segunda parte do livro é denominada: *Etnografia do tema: trajetórias em memória de colonos e seringueiros em Rio Branco*. Para compor a sua análise leu autores como: Santos (1993), Cavalcanti (1983), Oliveira (1990) dentre outros. O primeiro capítulo sob o título: *Trajetoárias sociais e itinerários migratórios de colonos e de seringueiros* traz relatos de colonos e seringueiros sobre a peleja vivida até o seu estabelecimento no bairro Cidade Nova, em Rio Branco.

Como foi dito, os colonos são assim chamados por serem descendentes de europeus mas na prática vivem como camponeses e queriam manter sua condição pois a terra é a sua identidade. No entanto a baixa fertilidade do solo em conjunto com outras dificuldades levaram famílias a irem para a cidade. No início os seringueiros e colonos se auxiliaram bastante mas com o tempo foi havendo um afastamento que até hoje existe. A diferença de origem e prática de vida faz emergir alguns conflitos.

Os seringueiros saíram da floresta por causa da crise que assolou a produção de látex no país. Como estavam habituados ao extrativismo e não a agricultura não se adaptaram ao PAD. A única opção foi ir para a cidade.

Após uma breve introdução a autora inicia o segundo capítulo falando do sentido de lugar constituído por eles após a chegada no bairro Cidade Nova. Analisaremos em conjunto o terceiro capítulo dedicado mais especificamente ao cotidiano do bairro.

A cidade, para eles, é segregacionista. Embora saibam da diversidade de oportunidades que existem, eles tem acesso limitado. Alguns admitem que é bom ter os filhos nas escolas, porém há a questão das drogas, bebidas e outros problemas que supostamente seus descendentes estariam livres se ainda vivessem na floresta ou no campo. Laís Maretti Cardia percebe que para seringueiros e colonos a cidade é um lugar de muitas oportunidades, mas as suas expectativas quanto a isso nunca foram supridas. Duas citações demonstram isso com muita clareza: *“(...)a gente só fica sabendo que tem. Tem muita coisa que eu nunca vi, não sei nem como é.”* (p.110). *“Um lugar diferente, umas pessoas diferentes. Foi difícil entrar no ritmo da cidade. Acho que até hoje a gente não entrou. Também porque não deixaram.”*(p.114)

O meio urbano para eles é ameaçador, já o campo é visto como patrimônio da família, como o local do sustento.

No relato sobre o cotidiano a autora fala de temas como a prostituição, uso de drogas, trabalho infantil, lazer (hoje completamente diferente do que era no lugar de origem), práticas religiosas (colonos e seringueiros quase não vão a igreja) e a nova organização familiar estabelecida. Para todos esses tópicos ela traz uma diversidade de exemplificações.

No quarto capítulo a autora finaliza seu trabalho utilizando os depoimentos já expostos anteriormente e alguns novos para entender o funcionamento da memória e

como ela caracteriza a identidade. O ato de lembrar é algo traumático que sempre está associado a um tempo e um espaço na forma de uma imagem. Por conseguinte, embora esteja ligado ao passado é uma ação do presente que está revestida de alguma imaginação.

Todo esse contexto é possível ser visualizado com muitos detalhes ao longo da leitura do livro. A autora permite um bom entendimento do processo de povoamento do estado do Acre, muito embora o livro não se atenha a explicar os ciclos da borracha que iniciaram, de fato, a inclusão de brasileiros na dinâmica da Amazônia Ocidental. Portanto, é necessária a leitura de outras obras sobre o tema para compreensão da real participação dos seringueiros na dinâmica econômica da região.

As entrevistas de colonos e seringueiros foram transcritas mantendo a linguagem original, o que considero fundamental para tornar o texto mais verossímil, principalmente por possibilitar a compreensão do funcionamento da memória. A segunda parte do livro, por tratar do tema em si, naturalmente nos envolve muito mais. À medida que os relatos vão sendo contados, fica ainda mais clara a segregação existente em Rio Branco e para o leitor, se não for emocionante, será no mínimo revelador. Esse é um problema que não existe apenas na capital acreana e pensar nisso é ainda mais chocante.

Esse livro é recomendado para leituras universitárias, embora alguns dos relatos que são apresentados com certeza possam ser muito bem aproveitados por professores do ensino médio e do ensino fundamental.

Recebido para publicação em junho de 2012

Aprovado para publicação em agosto de 2012